

espirituais do catolicismo, a obra de François Cheng faz confluir, nesta hora de mundialização, as visões taoista, budista e cristã do mundo. Em suma, este conjunto de estudos revela bem a que ponto a Literatura dá voz à fecundidade espiritual dos escritores, quando pela verve criadora transportam para as palavras o respeito e a força interior que os anima.

João Domingues

O FIDALGO APRENDIZ

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

(Edição crítica de Evelina Verdelho)

A Coruña, Biblioteca – Arquivo Teatral

“Francisco Pillado Mayor”

– Universidade da Coruña, 2007

De grande rigor científico e de indubitável experiência em trabalhos de ecdótica, Evelina Verdelho fez acompanhar a edição do auto de D. Francisco Manuel de Melo de um estudo introdutório pleno de erudição e muito esclarecedor dos diferentes aspectos que dizem respeito ao autor e à obra, de uma criteriosa reprodução do texto, secundada por abundantes notas de rodapé e aparato crítico de emendas e variantes, de uma bibliografia completa e actualizada; em suma, a sua edição encontra-se bem apetrechada com todos os elementos que deve possuir uma autêntica edição crítica. É, sem dúvida, a melhor e mais completa edição de *O Fidalgo Aprendiz* realizada até ao momento.

A autora desta edição, Evelina Verdelho, investigadora da Universidade de Coimbra, já nos tinha surpreendido com a sua extraordinária edição crítica da *Vida e Feitos d’El-Rey Dom João* de Garcia de Resende, publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1994. Posteriormente, dirigiu as suas pesquisas para a língua de D. Francisco Manuel de Melo¹ e para a edição das suas obras no âmbito da investigação levada a cabo para o CEC-PPC (o *corpus* electrónico do período clássico do CELGA da Universidade de Coimbra), como é o caso da *Aula política e cùria militar*, *Epanáforas de vária história portuguesa*, *Sonetos das Musas Portuguesas*, a edição crítica das *Musas Portuguesas* (que já incluía *O Fidalgo Aprendiz*), o *Tratado da ciência cabala* e a *Epístola declamatória ao Príncipe D. Teodósio*².

O Fidalgo Aprendiz não apresenta grandes dificuldades ecdóticas: a obra foi editada em 1665 em vida do autor e por ele próprio revista. O propósito do trabalho de Evelina Verdelho não foi, portanto, o trabalho tradicional da edição crítica – a reconstrução (ou máxima aproximação possível) do original a partir da *collatio* de testemunhos diferentes –, porque a edição de 1665 deve ser considerada texto original. Isto não exclui um inevitável trabalho de *emendatio* dos erros de cópia ou impressão e de fixação do texto por parte do editor científico (ou melhor, adaptação grafemática e de pontuação aos usos modernos, se for caso disso), dado que também com originais é necessária a edição

crítica³. Ora, o editor deverá modificar ou adaptar as suas estratégias de trabalho nestes casos e, de facto, as propostas de Evelina Verdelho merecem ser comentadas relativamente a dois aspectos: as variantes do texto e a ortografia e pontuação.

O abundante aparato crítico de variantes corresponde a todas as edições posteriores da obra, antigas e modernas, o que, se não tem interesse especial para a reconstituição do texto (salvo sugestões dos editores), facilita a história textual da obra, de grande interesse também para os estudiosos quer do ponto de vista linguístico, quer do ponto de vista literário. Esta nova perspectiva na realização de edições críticas, juntamente com a experiência nas novas tecnologias que possuem Evelina Verdelho e outros especialistas do CELGA ou de outros institutos universitários portugueses, possibilitam a futura aparição em Portugal de propostas segundo a ecdótica computacional, como já se fez com outras literaturas⁴, que ultrapassam a velha ideia de propor apenas uma lição canónica do texto.

Quanto aos critérios de representação grafemática e de pontuação, parte-se neste caso (o que não é muito frequente) de um rigoroso estudo linguístico prévio que garante a qualidade do resultado. Note-se que a editora optou por uma solução em que se regularizam os usos grafemáticos e de pontuação segundo a ortografia moderna e, ao mesmo tempo, mantêm-se os traços linguísticos da época. Só com gran-

de conhecimento da língua do autor é que se pode levar a cabo uma proposta assim, sendo mais fácil (e mais frequente) ou modernizar sem critério (em caso de edições mais populares), ou seguir mais fielmente os usos das edições antigas. A opção de Evelina Verdelho é tão arriscada quanto judiciosa e bem sucedida. Ao fim e ao cabo, a edição de 1665, como já foi referido, apresenta inúmeras irregularidades que não era possível conservar⁵.

O facto de a edição desta obra ser feita na Corunha também merece uma reflexão. A série Verde da colecção da Biblioteca-Arquivo Teatral “Francisco Pillado Mayor”, dedicada ao teatro português, foi pensada para um público lusófilo ou para a distribuição em Portugal, mais do que para o público espanhol ou de língua castelhana. É de salientar este facto porque D. Francisco Manuel de Melo é bem conhecido em Espanha, é considerado um clássico da literatura barroca espanhola, aparece em todas as histórias da literatura e edita-se com frequência, mas nunca houve uma edição espanhola (traduzida ou não) de *O Fidalgo Aprendiz*. A explicação não é difícil: em Espanha interessa a obra historiográfica, muito especialmente a *Historia de los movimientos, separación y Guerra de Cataluña*, e apenas secundariamente o *Hospital das Letras*, frequentemente citado por causa das referências à literatura espanhola da época. Nem sequer a obra literária escrita em castelhano é objecto de edição e estudo

em Espanha. Segundo a base de dados do ISBN espanhol, só foram editadas recentemente duas obras do autor: a *Guerra de Cataluña* (seis vezes, de 1969 a 2001) e a *Carta de guía de casados* (a mesma edição da S.A. de Ediciones y Promociones Audiovisuales, reeditada duas vezes)⁶. Em minha opinião, não faz sentido que a obra dramática de D. Francisco Manuel de Melo não tenha sido divulgada em Espanha. Constituiria, sem dúvida, uma revelação para um público leitor que só parcialmente conhece a literatura deste clássico português.

1 Cf. "D. Francisco Manuel de Melo no teatro da língua portuguesa" in *Actas do Congresso "Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa"*, Rio de Janeiro, Editora Ágora da Ilha, 2000, pp. 3-12.

2 V. http://www.uc.pt/fluc/celga/corpus_electronico_do_celga_portugues_do_periodo_classico_cec_ppc. Consultado em Dezembro de 2007.

3 Não deixam de ser abundantes as «imperfeições verificadas» por Evelina Verdelho na edição de 1665 quanto à ortografia e também «nos planos morfológico, lexical e sintático, configurando variantes substantivas em relação à vontade do Autor», o que poderá ser devido «ao desconhecimento da língua portuguesa na oficina de Boissat e Remeus» ("Introdução", p. 73).

4 Por exemplo, v. a *Edición Variorum Electrónica del Quijote (EVVE-DQ)*, da responsabilidade de Eduardo Urbina (Texas A&M University): <http://csdli.cs.tamu.edu:8080/veri/index-sp.html>. Última consulta em Janeiro de 2009.

5 Não só o facto de os editores serem estrangeiros explica estas irregularidades. O próprio autor não costumava interferir em assuntos de grafia e pontuação, de modo que raramente prestava atenção a estes aspectos na sua revisão do texto: eram os saltos e outros erros na reprodução do texto que o preocupavam. De facto, não só os autores aceitavam a autoridade dos impressores, mas também os próprios teóricos seiscentistas da ortografia e da gramática, pois, como advertia Juan Palafox y Mendoza, «en las impresiones es donde se tiene la mayor practica, porque las asisten, y corrigen las personas doctas que imprimen allí sus obras, y claro está que por la mayor parte son los mas eruditos de

los Reynos», de tal modo que «por lo impresso se vê la forma que ha de tener al escribir en lo manuscrito, assi quanto a las partes, distinciones, y puntos, y la igualdad, y forma de las letras grandes» (*Breve Tratado de escribir bien, y de la perfecta Ortographia*, Zaragoza, 1679, apud Cristina Maria de Sousa Nunes, *A pontuação na Península Ibérica: doutrinas e prática em textos metalinguísticos portugueses e castelhanos do séculos XVII*, Dissertação de mestrado orientada pela Prof.ª Dr.ª Maria Filomena Gonçalves, Universidade de Évora, 2006, p. 130 [texto policopiado]).

6 V. <http://www.mcu.es/libro/CE/AgenciaISBN/BBDDLlibros/Sobre.html>. Consultado em Janeiro de 2008.

Juan M. Carrasco González

VIDRO DO MESMO VIDRO: TENSÕES E DESLOCAMENTOS NA POESIA PORTUGUESA DEPOIS DE 1961

ROSA MARIA MARTELO

Porto, Campo das Letras, 2007

TEXTUALISMO E ALEGORISMO

Vidro do Mesmo Vidro reúne três ensaios recentes da autora: «Tensões e deslocamentos na poesia portuguesa depois de 1961» (2006), «Opacidades, ou nem tanto (um exemplo)» (2006) e «Veladas transparências (o olhar do alegorista)» (2007). Uma das primeiras afirmações que ocorre depois da leitura é esta: nas cerca de 100 páginas deste pequeno volume encontra-se uma nova hipótese de conceptualização dos últimos 50 anos da poesia portuguesa. O primeiro capítulo – o mais extenso – traça o quadro analítico e expõe a argumentação, depois fundamentada exemplificativamente nos dois capítulos seguintes, dedicados respectivamente à obra *Dezanove Recantos*, de Luiza Neto